

NOTA DOS EDITORES

É com satisfação que a Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, apresenta seu número 57.2, neste segundo quadrimestre de 2025.

De forma especial, este número da Antropolítica apresenta uma Homenagem ao antropólogo James Ferguson, falecido no último 12 de fevereiro de 2025, aos 65 anos de idade. Ferguson era professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Stanford, na Califórnia, Estados Unidos. Recebeu formação em Antropologia Cultural pela University of California, Santa Barbara (1979) e em Antropologia Social pela Harvard University (1981 / M.A. e 1985 / PhD). Teve uma carreira profissional amplamente reconhecida no campo da Antropologia, em especial a partir dos seus estudos e etnografias sobre economia política, antropologia do desenvolvimento e sobre programas internacionais de assistência social. A visão crítica de Ferguson sobre esses temas, sustentada no trabalho de campo em países da África Austral, se estendeu também para trabalhos sobre teoria e metodologia antropológicas. Ferguson escreveu vários livros, incluindo *The Anti-Politics Machine: ‘Development,’ Depoliticization, and Bureaucratic Power in Lesotho* (1990), e tantos outros artigos e capítulos de livro. Em 2009 foi escolhido para ministrar uma das conferências mais importantes em Antropologia nos Estados Unidos, a Lewis Henry Morgan Lecture, cujo título foi “Give a Man a Fish: Reflections on the New Politics of Distribution,” que resultou na publicação de mais um livro em 2015.

Durante seus estudos de pós-graduação em Harvard, Ferguson conheceu e passou a conviver intelectual e pessoalmente com a antropóloga Liisa Malkii, desde então esposa, e, com seus amigos, os antropólogos George Bisharat e Roberto Kant de Lima, naquilo que denominaram como a “Escola Bacardi de Antropologia”. Em 2010, à convite do INCT-InEAC, coordenado pelo professor do PPGA/UFF Roberto Kant de Lima, James Ferguson visitou Brasil, onde proferiu no dia 28 de outubro daquele ano, uma palestra no 34º Encontro Anual da ANPOCS. Nessa visita, antes de ir para Caxambú, visitou a Universidade Federal Fluminense em Niterói. Na praia de Itaipú, concedeu uma entrevista aos antropólogos Roberto Kant de Lima e Fernando Rabossi (UFRJ), publicada no número 30 da nossa Revista. A partir dessa visita, Ferguson estreitou os laços com o INCT-InEAC, se tornando consultor internacional do Instituto, junto com outros professores estrangeiros, entre eles George Bisharat. Também recebeu estudantes de doutorado da UFF na Universidade de Stanford, e mediou contatos de orientandos com professores e estudantes da UFF.

Sua partida precoce surpreendeu e consternou todos nós e, de modo muito especial e



emotivo, àqueles que conviveram com ele de forma mais próxima. Em reconhecimento à sua trajetória profissional e intelectual e às suas qualidades pessoais, a Revista acolheu imediatamente a iniciativa do nosso colega e professor Roberto Kant de Lima para publicar uma série de textos em homenagem a James, “Jim”, Ferguson. Tristemente o professor e parceiro Kant de Lima nos deixou no dia 19 de maio deste ano e não conseguiu ver publicada essa homenagem, tão bem articulada por ele.

A homenagem inaugura com o retrato de Jim Ferguson, desenho de capa, criado e elaborado por Liisa Malkki, artista, antropóloga e esposa do Jim. Entre os textos, nossa seção inicia com a emotiva carta que Liisa Malkki dirige a Jim. Seguem as notas escritas por seus colegas em Harvard, professores e amigos, Roberto Kant de Lima, professora da UFF, e George Bisharat, antropólogo e professor da Hastings School da Universidade da Califórnia. A homenagem continua com as notas elaboradas por três antropólogos que, durante sua formação, tiveram contato próximo com o professor Ferguson: Jess Auerbach Jahajeeah, atualmente professora da University of Cape Town em África do Sul, orientanda do Ferguson em Stanford com estada na UFF; Boris Maia, doutor em Antropologia pela UFF e hoje professor da UFRJ, que realizou estágio pós doutoral junto com Ferguson em 2019; e Marcio Filgueira, professor do Instituto Federal do Espírito Santo, que realizou doutorado sanduíche em Stanford, durante seus estudos de doutorado em Antropologia na UFF. Por fim, republicamos a entrevista realizada em 2010 em português e publicamos, de forma inédita, sua tradução ao inglês. Optamos por publicar todos os textos em português e em inglês com o intuito de expandir e perpetuar essa merecida e cálida homenagem ao professor e antropólogo James “Jim” Ferguson nos mais diversos cantos do mundo, para que suas qualidades intelectuais e pessoais, por todos aqui exaltadas, sejam por sempre lembradas. Obrigado Jim!

Seguindo nossa estrutura habitual, nesta edição, publicamos também dois dossiês, artigos de temática livre, mais um artigo na seção Trajetórias e Perspectivas e uma resenha.

O primeiro dossiê tem como título “Memórias ambíguas: processos e narrativas de desestabilização de políticas de reconhecimento e preservação” e foi proposto e organizado Roberta Sampaio Guimarães (UFRJ), Roberto Marques (UECE) e João Paulo Macedo e Castro (UNIRIO). Composto da apresentação e de cinco artigos, o dossiê reúne etnografias que analisam as ambiguidades dos processos e narrativas memorialistas operados durante a construção de políticas de reconhecimento social e preservação cultural de eventos históricos, em especial relacionados a experiências coletivas tidas como sensíveis, violentas ou críticas. São trabalhos que se dedicam à compreensão de assuntos como etnicidade, raça, nacionalidade, colonialismo e neoliberalismo e seus cruzamentos com as formações das identidades coletivas e individuais e com a fabricação, exibição e gestão das memórias públicas.

O segundo dossiê tem como título “Conhecimentos Tradicionais e Gestão de Áreas

de Interesse Ecológico: estudos de caso sobre disputas e conflitos na América Latina” e foi proposto e organizado por José Colaço Dias Neto (UFF), Carlos Santos Cardozo (Universidad de la República, Maldonado, Uruguai), Carmen Andriolli (UFRRJ) e Luciana Loto (Universidad Nacional de Moreno, Moreno, Argentina). O dossiê reúne, além da apresentação, cinco artigos que exploram a relação entre conhecimentos tradicionais, cosmologias e a gestão de áreas de interesse ecológico na América Latina. O objetivo é destacar como os modos de vida de povos e comunidades tradicionais são impactados por modelos de gestão ambiental associados aos Estados Nacionais que, geralmente, resultam conflitantes com as práticas locais de manejo dos ecossistemas, produzindo novas formas de ativismo e resistência.

A seção de Artigos inicia com o trabalho “Não escalabilidade em sistemas de abastecimento de água na Ilha de Santa Catarina”, de coautoria de Viviane Vedana, Rafael Victorino Devos, Priscila dos Anjos, Gabriel Luz Siqueira de Aquino Vieira e Luana Silva Ferraz, todos da Universidade Federal de Santa Catarina. O artigo se insere nos “estudos da água” voltados para práticas e narrativas em torno do manejo da água e suas socialidades, em contextos rurais e urbanos. Os autores partem do entendimento de que a água passa por diferentes processos não formais em seu caminho antes de chegar às torneiras e reservatórios de uma residência. Da mesma forma, seu fluxo também pode ter sido interrompido, poluído, desviado, obstruído, racionado. Nessa linha, o artigo apresenta reflexões oriundas de um projeto de pesquisa acompanhando práticas cotidianas e memórias de manejos coletivos de sistemas considerados independentes, ou alternativos, de acesso à água potável em Florianópolis, Ilha de Santa Catarina.

O artigo a seguir, intitulado “Etnografia genealógica de mortificações de corpos dissidentes no sul de Mato Grosso do Sul”, de Simone Becker, da Universidade Federal da Grande Dourados, e de Andrei Domingos Fonseca, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, reflete sobre dispositivos estatais de mortificação de corpos lidos como dissidentes no estado do Mato Grosso do Sul, mais especificamente na cidade de Dourados. O artigo se centra na “necrobiopolítica” dirigida contra as pessoas negras, os povos indígenas, as populações LGBTQIAPN+, e as crianças, analisando como aspectos da urbanização da cidade de Dourados e os investimentos do agronegócio impactam negativamente essas populações.

Em seguida, o artigo “Reticulações para um melhor possível: antropologia especulativa das emoções humanas e mais que humanas”, de autoria de Paulo Rogers Ferreira e Marlúcia Malheiros Souza, ambos da Universidade Federal da Bahia, apresenta a etnografia desenvolvida em um Centro de Atenção Psicossocial da cidade de Guanambi (Bahia), no sudoeste baiano. A partir das observações e das reflexões sobre as metáforas e as percepções dos profissionais de saúde e dos usuários sobre elementos não humanos como a mobília e os psicotrópicos, os autores propõem uma antropologia das emoções descentralizada, “mais especulativa, com

emoções materiais-espirituais de humanos e mais que humanos e bem distante da orientação egóica de uma antropologia partindo de biografias”.

O artigo seguinte intitula-se “Uma belíssima flor que nasceu do brejo”: tradição e reconhecimento no congo da Barra do Jucu, Vila Velha (ES) e é de autoria conjunta de Diana Corrêa da Silva Costa e Augusto Cesar Salomão Mozine, ambos da Universidade Vila Velha. A partir da perspectiva da Ecologia Política, o artigo analisa os processos e relações socioambientais das Bandas de Congo do bairro da Barra do Jucu em Vila Velha, no Espírito Santo, no decorrer do processo de modernização econômica do município. Especificamente, busca demonstrar como o Congo, uma das referências da cultura popular do Espírito Santo, se manteve presente como reafirmação da identidade local no bairro da Barra do Jucu e como estratégia para o reconhecimento social dos praticantes dessa tradição perante a comunidade local.

Em sequência, o artigo “Entre o welatparestí e o natewparestí: as formas antagônicas da autonomia curda”, de José Vicente Mertz, da Universidade de Lisboa, discorre sobre o povo curdo como um grupo que tem na busca pela autonomia uma das principais características de sua identidade. Baseado em trabalho etnográfico no Curdistão Iraquiano e na diáspora curda na Europa, o autor discute que essa autonomia não se constrói de forma unitária, mas toma forma em dois grandes projetos de libertação curda: welatparest e natewparest. Ambos os projetos refletem interesses de classe antagônicos e disputam a identidade curda, além dos caminhos do movimento da autodeterminação do Curdistão, tanto no território quanto na diáspora.

O sexto artigo desta seção tem como título “Remoção e reassentamento de pessoas catadoras em Porto Alegre: reconfigurações das dinâmicas de trabalho, território e mobilidade” e é de autoria conjunta de Alexandre Magalhães e Giovana Lazzarin, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O artigo analisa os impactos que a remoção e o reassentamento da Vila Nazaré, na Zona Norte de Porto Alegre, tiveram sobre as dinâmicas de trabalho e convívio social de catadores de materiais recicláveis reassentados no Loteamento Irmãos Maristas. A partir de observação participante e de entrevistas com pessoas catadoras, o artigo permite acompanhar como essas pessoas lidaram com um processo de inviabilização das suas práticas de trabalho e de vida durante e após a remoção.

A seguir o artigo “Ceilândia: do direito à cidade ao fazer-cidade”, de Thais Nogueira Brayner, da Universidade de Brasília, analisa a formação de Ceilândia à luz dos conceitos de “direito à cidade” e “fazer-cidade”. Explorando a construção de Brasília (DF) e suas então chamadas “cidades-satélites” revela a dissonância entre o ideal modernista e a realidade segregadora. Por sua vez, o artigo aborda como os habitantes da região se apropriaram do espaço e moldaram sua própria realidade, demonstrando a vitalidade do fazer-cidade para além das estruturas institucionais.

Por fim, o artigo “Ressurgência multiespécie: carroceiros e cavalos na cidade do século

XXI”, de Marina Abreu Torres, da Universidade Federal de Minas Gerais, parte do trabalho etnográfico conduzido com carroceiros da região de Venda Nova, em Belo Horizonte, para demonstrar como movimentos em defesa dos animais, ao lançar mão da retórica do progresso – assim como suas vertentes classistas e racistas – atualizam discursos e práticas que, desde o final do século XIX, procuram expulsar carroceiros, carroças e animais de trabalho das cidades. Em contraste, a autora argumenta que, em meio a uma ampla rede multiespécie, humanos e cavalos constroem um modo de vida singular na cidade, em territórios que despontam como zonas de ressurgência em meio à perturbação.

Na próxima seção, *Trajetórias e Perspectivas*, além da homenagem ao antropólogo Jim Ferguson, apresentada no início desta Nota, publicamos o artigo “Quanto vale a liberdade? A antropologia da academia, 40 anos depois”, de autoria de Edilson Márcio Almeida da Silva, da Universidade Federal Fluminense. O texto celebra os 40 anos do livro “A antropologia da academia: quando os índios somos nós” de autoria do antropólogo Roberto Kant de Lima. O artigo apresenta a obra e, na sequência, sugere alguns dos seus desdobramentos, no que se refere à produção intelectual do Roberto Kant de Lima, bem como às práticas institucionais que, ao longo dos anos, sedimentaram a sua trajetória acadêmico-profissional. A publicação deste artigo neste número da nossa Revista se torna particularmente significativa, pois, como mencionamos, o professor Roberto Kant de Lima nos deixou recentemente. Esta publicação, prevista com anterioridade a esse fato, se configura assim também como uma primeira homenagem da Revista à sua figura e parceria desde os inícios de criação do periódico.

Por fim, publicamos a resenha “Mulheres, temporalidades e ritmos em unidades prisionais brasileiras e francesas”, elaborada pela professora Juliana Gonçalves Melo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a partir do livro “Fazer a pena andar: uma etnografia sobre o cumprimento de pena e seus ritmos em unidades prisionais femininas no Rio de Janeiro, Paris e Marseille” de Luana Martins, publicado em 2024 pela Editora Autografia. A resenha enfatiza como o aprisionamento de mulheres tem diferentes nuances e atravessa vivências pessoais provocando “descompassos”, rupturas e exigindo novas estratégias para reconstruir a vida dentro do espaço prisional.

Para finalizar, lembramos a nossos/as leitores/as que continuamos a receber submissões de interesse para a área das Ciências Sociais, em especial no campo da Antropologia, em regime de fluxo contínuo, através do site, no qual podem ser encontradas as normas de publicação e outras informações. Mantemos o nosso e-mail (antropoliticauff@gmail.com) para eventual contato. Sugerimos também acompanhar nossas notícias também através do perfil do Facebook, Instagram (antropoliticauff) e no Twitter (@RAntropolitica).

Boa leitura!